

TRADUÇÕES EM CISTEMA: UMA POLÍTICA DE TRANS-IDENTIDADES

Translations in CYStem: A Policy of Trans-Identities

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-03

Dennys Silva-Reis*

RESUMO: O século XXI tem cada vez mais traduzido textos sobre transexualidade na contemporaneidade. Entretanto, ainda carece de reflexões a circulação desses textos – desde seu histórico às razões para tal processo de difusão dessas obras. Neste estudo, busca-se relacionar a questão dos textos trans com a tradução e compreender como a operação tradutória pode ser concebida enquanto uma política de transidentidades. Para isso, apoia-se esta reflexão na análise da publicação das traduções trans no Brasil e na temporalidade em que elas se desenvolvem. Ademais, formulam-se alguns conceitos, bem como uma pequena linha do tempo tradutória nacional, e investigam-se os saberes trans em tradução – motivos, causas, consequências e metáfora.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Saberes trans. Tradução trans. Transgenridade. Transexualidade.

ABSTRACT: The 21st century has increasingly translated texts on transsexuality in contemporary times. However, the circulation of these texts still lacks reflection – from its history to the reasons for such a process of dissemination of these works. In this study, we seek to relate the issue of trans texts to translation and understand how the translation operation can be conceived as a policy of trans-identities. To this end, this reflection is supported by the analysis of the publication of trans translations in Brazil and the temporality in which they are developed. Furthermore, it formulates some concepts and a small national translational timeline, and investigates trans knowledge in translation – motives, causes, consequences, and metaphor.

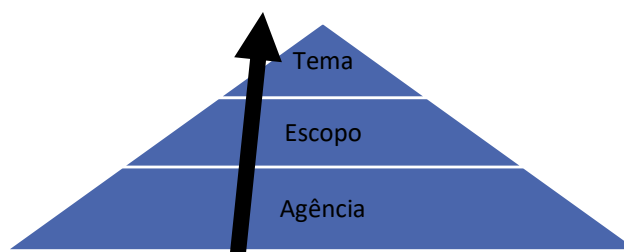
KEYWORDS: Body. Trans knowledge. Trans translation. Transgender. Transsexuality.

* * Doutor em Literatura e Práticas Sociais (POSLIT/UNB). Mestre em Estudos da Tradução (POSTRAD/UNB). Professor e pesquisador da Universidade Federal do Acre (UFAC), do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL/UNIR) e do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLEN/UFRJ). ORCID: 0000-0002-6316-9802. E-mail: reisdennys(AT)gmail.com

1 Introdução

As transidentidades têm cada vez mais se articulado no Movimento Transgênero (*Transgender Movement*) para reivindicar suas próprias pautas, tais como combate à medicalização e patologização da transexualidade, políticas de acesso à saúde pública para a população trans, o direito à troca de nome conforme sua identidade de gênero, entre outras (ÁVILA; GROSSI, 2013). Tais ações são fruto de constantes debates e articulações de discursos nacionais e internacionais. E é no encontro desses discursos que a tradução² surge como uma ferramenta de ativismo transidentitário necessária de ser pensada e exercida.

Por *traduções trans*, neste trabalho, entendem-se: (1) textos traduzidos para indivíduos transexuais – textos com o escopo e a meta de atingir as pessoas transexuais; (2) traduções realizadas por tradutores transexuais – eles são os agentes do processo tradutório -; (3) textos traduzidos sobre as pessoas trans – a textualidade tem como assunto e tema principais a comunidade transgênera. Essas três instâncias das traduções trans – escopo, agência e assunto – podem, por vez, ser acopladas por meio de um único projeto de tradução ou não. Além disso, pode-se dizer que os graus indicativos das traduções trans são vistos da seguinte forma:



Fonte: elaborado pelo autor.

Quanto mais próxima do tema, do assunto, do tópico que diz respeito à comunidade transgênera, mais a tradução ou o ato de traduzir são qualificados como *transexpressivos*, ou seja, mais o texto traduzido necessita externar o *pensamento trans* ou as *subjetividades trans* nele contidos. É a partir dessa consciência da tradução que se pretende considerar que traduzir textos transidentitários é uma ferramenta política, ativista e humanitária que vai contra as políticas cisnormativas de conhecimento.

² Todas as traduções de obras mencionadas neste artigo aparecem com o ano de publicação no Brasil. Nas referências desta investigação, só aparecem os textos citados diretamente ou indiretamente na argumentação.

2 Os discursos traduzidos e o controle dos corpos

O termo cisgênero – quando a identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento – é antônimo do termo transgênero – quando a identidade de gênero difere do sexo atribuído no nascimento. Por muito tempo, acreditou-se que a cisgeneridade fosse a norma e que qualquer identidade de gênero ou modificação do sexo seria uma anormalidade. Essa normatização da cisgeneridade foi muito difundida pelos discursos escritos e orais, também passíveis de inúmeras traduções em todo o mundo.

Talvez um dos primeiros e mais nítidos discursos responsáveis por contribuir por longa data com a normatização da cisgeneridade e, conseqüentemente, com o controle dos corpos seja o discurso religioso. Em se tratando do Ocidente, a *Bíblia Sagrada* é um dos textos mais traduzidos no mundo e que exerce até os dias atuais plena influência sobre os corpos das pessoas. Sobre as relações homoafetivas, já se sabe que a exegese bíblica se coloca contra. E sobre o caso das transidentidades, este livro traduzido traz igualmente uma norma cisgênera desfavorável, no livro de Deuteronômio, capítulo 22, versículo 5:

A mulher não se vestirá de homem, nem o homem se vestirá de mulher: aquele que o fizer será abominável diante do Senhor, seu Deus. (BÍBLIA SAGRADA, p. 237)

Vê-se que a transexualidade – que em parte tem relação com as indumentárias de um indivíduo – é abominada no texto sagrado traduzido. Tal ordem divina é seguida cegamente dentro do Cristianismo que não só efetua de forma radical a homofobia como também a transfobia ao longo de muitos séculos, relegando as identidades sexuais outras – as que não condizem com a orientação heterossexual – à condição de pecado.

Outro texto escrito por religiosos que circulou bastante na Idade Média é *Malleus maleficarum* (1487), dos dominicanos Heinrich Kraemer e James Sprenger, conhecido no Brasil sob a tradução de *O Martelo das feiticeiras* (2004). Este livro, que fez muito sucesso entre o final da Idade Média e o Início da Idade Moderna, foi como uma bula de caça às bruxas. Muito utilizado durante a Inquisição, é um tratado de perseguição às mulheres feiticeiras e bruxas, consideradas as mais aptas à possessão demoníaca e perigosas para a população cristã. O livro, escrito em latim, recebeu inúmeras traduções logo que se deu a formação das línguas nacionais europeias e a invenção da imprensa de Gutenberg (OSGA; DENIPOTI, 2018). Suas ideias

reverberaram até dois séculos posteriores, atingindo igualmente colônias (o Novo Mundo) dos países europeus cristãos na Idade Moderna.

Apesar de ser um livro religioso, traz ideias que vão de encontro ao preconceito contra a mulher cis e trans, por meio do pensamento científico a respeito de sexo à época: os indivíduos homem e mulher têm o mesmo sexo, porém um de forma externa e outro de forma interna (LAQUEUR, 2001). Nesse sentido, *Malleus Maleficarum* traz a ideia de que a mulher, que é um homem em má formação, pode vir a se tornar maleficamente um homem completo, mas o homem jamais poderia tornar-se, por meio de magia, uma mulher. Tem-se, na obra, a visão de que o homem, por natureza, é a evolução da mulher, sendo ela um ser em desenvolvimento. Pode-se dizer que esse é mais um texto da época que poderia ditar as razões do porquê da transição de gênero - no caso das mulheres.

Além do discurso religioso, o discurso científico até os dias atuais ainda é um discurso normatizador das sexualidades. No âmbito da tradução, os discursos científicos nunca pararam de ser transmitidos, tramitados e, às vezes, adaptados (SILVA-REIS, 2017). Dois exemplos pertinentes sobre as pessoas trans são as obras *Questionum medico-legalium* (1653) de Paolo Zacchia e *Questions médico-légales de l'identité dans les rapports avec les vices de conformation des organes sexuelles* (1874) de Ambroise Tardieu – ambas de autoria de médicos. O primeiro defendia que a genitália não comprova o sexo da pessoa, e o segundo asseverava que o sexo está em todo o corpo, mas o gênero é social. Os dois textos foram escritos a fim de auxiliar casos médicos difíceis de serem solucionados no que tange às questões sexuais e de identidade de gênero.

Foram textos muito traduzidos em suas épocas e que continham relatos biográficos de pessoas hermafroditas em processo de transição sexual. Por serem textos exemplares, essas traduções serviam como fontes do conhecimento sobre transexualidades à época para outros interessados nessas questões, incluindo a *Intelligentsia* jurídica que precisava saber dos fatos médicos e sociais das pessoas que não exerciam seus papéis de gênero socialmente estabelecidos (LAQUEUR, 2001). Autores como os médicos Magnus Hirschfeld³ (1868-1935) e

³ Apesar de o autor ser um iniciador do debate dessas questões no Brasil e no mundo, sua obra principal sobre transgeneridade – *Die Transvestiten: Eine Untersuchung über den erotischen Verkleidungstrieb* (1910) – ainda se encontra inédita em língua portuguesa.

Robert Stoller⁴ (1924-1991) foram essenciais no século XX para a difusão de saberes médicos, especialmente das ciências psíquicas, sobre a transexualidade. Diversos de seus livros foram traduzidos no Brasil e são referências até os dias atuais. Convém ainda dizer que, no campo da tradução médica, a disputa pelo melhor termo sobre as designações e conceitos relacionados à temática da transexualidade sempre foi enriquecida por novos neologismos, estrangeirismos e empréstimos das línguas e dos textos em tradução (LEITE JUNIOR, 2008).

3 Ficções trans em tradução

As ficções relacionadas aos corpos trans exercem uma parte significativa de importância no imaginário literário quanto à representação do mundo transgênero e suas temáticas. No século XXI, com uma “abertura maior” do Ocidente para a compreensão do movimento transgênero, percebe-se que cada vez mais as personagens transexuais estão presentes em obras de ficção e nos Estudos Literários (FERNANDES, 2016; RESENDE, 2019). Na proposta deste artigo, acredita-se que as camadas representacionais da comunidade transgênera podem ser divididas *grosso modo* em situações, personagens e autoria.

No que condiz a situações, a relação com o travestismo (desde o ato identitário ao ato não identitário) parece ser moeda corrente; já com relação aos personagens, eles são tematizados conforme suas diferentes performances identitárias: transexualidade, transgeneridade, travestilidade e intersexualidade; e quanto à autoria, percebe-se uma respeitabilidade textual maior quando um autor intersecciona tema e experiência pessoal transexual na obra de ficção. Os exemplos sobre essas camadas representacionais são inúmeros; porém, neste artigo, é suficiente mencionar apenas os disponíveis em língua portuguesa, ou seja, em tradução.

Batons, assassinatos e profetas (2010), do turco Mehmet Murat Somer, trazem à tona a questão do travestismo como um meio de disfarce na empreitada do personagem principal – um detetive – de descobrir crimes em Istambul. A situação da transição de gênero é abordada nas obras *Orlando*, de Virginia Woolf (1978/2019), e *O mundo alucinante* (1984/2000), de Reinaldo Arenas. No que se refere aos personagens, os personagens intersexuais foram os que sempre chamaram mais atenção como corpo anormal em suas representações. Obras como *Herculine Barbin – O diário de um hermafrodita* (1989) –, de Michel Foucault, *Middlesex* (2014),

⁴ O livro *A experiência transexual*, em tradução de 1982 no Brasil, foi pioneiro nas questões transgêneras.

de Jeffrey Eugenides, e *A terra austral conhecida* (2011), de Gabriel de Foigny, descrevem relatos de pessoas intersexuais e surpreendem leitores pela descrição dos personagens e situações ditas incomuns para o espaço-tempo dúbio da realidade em que as ficções se desenvolvem. *Cobra*, de Severo Sardy (2004), *O lugar sem limites* (2013), de José Donoso, e *O beijo da mulher aranha*, de Manuel Puig (2003), ocupam-se da vida de travestis em suas mais diversas vivências. Já *Água Doce* (2019), de Akwaeke Emezi, *Todos os pássaros no Céu* (2020), de Charlie Jane Anders, *Apenas uma garota* (2017), de Meredith Russo, e *O parque das irmãs magníficas* (2021), de Camila Sosa Villada, são de autoria de mulheres trans e entrelaçam situações imaginárias com toques de experiências pessoais.

As obras anteriormente mencionadas são apenas algumas das mais conhecidas e acessíveis do mercado livresco brasileiro no que concerne a traduções trans. Vale recordar que, em 1996, a Editora Record lançou a *Coleção Contraluz*, especializada em literatura sobre sexualidade⁵. Essa coleção, até onde se tem notícias, parece ser uma das primeiras a trazer à tona, no Brasil, textos teóricos e ficcionais que tratavam das mais diversas identidades de gênero, incluindo a transexualidade. Observa-se ainda que, atualmente, há de igual modo traduções trans de romances gráficos como *Justin* (2016), de Gautier, e *Degenerado*, de Chloé Cruchaudet (2020), além de práticas de traduções de fãs de mangás, disponibilizadas gratuitamente em plataformas digitais – a *scanlation* –, da série quadrinizada *Hourou Musuko* de Takako Shimura⁶.

Os exemplos mostram a vitalidade da literatura trans internacional no Brasil. Eles têm relevância quando mapeados, sistematizados e analisados por educarem o imaginário literário, por subsidiar referências simbólicas e pela construção de modelos textuais exemplares. Como se sabe, todo imaginário é cultivado a partir do contato e do consumo de conteúdos imaginativos. Uma vez havendo personagens trans e situações das comunidades transgêneras disponíveis nos livros traduzidos e acessíveis a qualquer leitor, isso pode sensibilizá-lo à expressão subjetiva trans e levá-lo a adquirir um conhecimento sobre essa comunidade. É uma forma de conduzir leitores a aparar as arestas do senso crítico comum a respeito do tema. O contato literário com os personagens trans, para além dos nacionais, simboliza a formação de um certo imaginário coletivo, bem como a discussão ou o pensamento complexo a respeito de lugar comum das vidas trans, assim como a

⁵ Vide informações do site da editora: <http://www.editoras.com/record/edit004.htm>. Acesso em: 20 ago. 2021.

⁶ A obra está totalmente disponibilizada por tradução de fãs de mangá (*scanlation*) no site: <https://mangalivre.net/manga/hourou-musuko/2955>. Acesso em: 20 ago. 2021.

exposição, explicação e demonstração de identidades outras que auxiliam no reconhecimento da própria (auto) identidade nacional trans.

Em conjunto com esse papel simbólico, as traduções trans contribuem para a constituição de arquétipos imaginativos e textuais: tropos, pré-conceitos, estereótipos, clichês, tipos imaginativos, mitos, estilos etc. Saber os imaginários em torno das pessoas trans traz uma nova percepção da realidade e uma abertura maior para tentar compreender as vivências trans brasileiras a partir do contato com as vivências trans estrangeiras, já que se notam pontos de intersecção, diferenças e semelhanças. Em suma, as trocas literárias via tradução aumentam o poder simbólico e cultural desses textos.

Convém mencionar que, em uma análise única sobre narrativas com temáticas de transgressão sexual, o pesquisador Krzysztof Kulawik (2001) sustenta que, em obras LGBT, há *travestismo linguístico*. Ou seja, essas obras: (1) têm um interesse comum de dissimular, travestir e confundir a identidade sexual, sua desconstrução e decodificação dos padrões binários, e (2) apresentam características de experimentação, exuberância e artifício – que, por um lado, demonstram relações estilísticas ligadas à ambiguidade e, por outro lado, têm um repertório único de transgressões das técnicas narrativas. No texto traduzido, isso se evidencia sobretudo na tradução das inferências que “fornecem ‘pontes’ entre a intimidade do leitor e autor do texto. Quanto maior a familiaridade de conhecimento de mundo e conhecimento partilhado, maior pode ser o número de inferências em um texto [a ser traduzido]” (REIS, 2013, p. 64). Provavelmente, o grande desafio das traduções trans seja a transposição das inferências relacionadas à ambiguidade sexual – tópico singular ao se analisarem minuciosamente nas obras traduzidas.

4 Saberes trans traduzidos

As identidades trans são igualmente localizadas e interseccionadas por uma dada cultura na qual se produzem *saberes trans*. Esses conhecimentos vão além do discurso médico, religioso ou literário; trata-se de textos que (d)escrivem as epistemologias trans, ou seja, conhecimentos que legitimam o mundo transgênero e que apontam um determinado modo de ver a realidade transexual. Talvez, um primeiro elemento desses saberes seja o modo de falar, que passa, inclusive, por um léxico próprio. No Brasil, há o pajubá, considerada “gíria LGBT”. Douglas Robinson (2019) chama a atenção para o fato de que um léxico próprio (assim

como expressões e frases) de determinado grupo social – como a comunidade transgênera – necessariamente sofre a tradução intralinguística para que todos os grupos sociais possam compreender os registros linguísticos em contato.

Somados aos textos ficcionais, textos que veiculam conhecimentos trans são igualmente produtos das experiências e existências da comunidade transgênera em um dado tempo e espaço. Se, por um longo período, pouco se escreveu sobre as questões sociais, afetivas e nacionais das comunidades trans, essa realidade parece ter mudado no século XXI. Um dos processos que sustenta tal paradigma de mudança é o traslado de conhecimentos estrangeiros no Brasil. O tráfego de histórias, epistemologias e teorias revela sobremaneira a necessidade de um isomorfismo de saberes do movimento LGBT – enquanto os saberes lésbicos e gays parecem mais avançados, os saberes trans parecem estar se estruturando somente agora. As traduções dos autores trans Sam Bourcier (*Homo Inc. Orporated: o triângulo e o unicórnio que peida* (2020); *Compreender o feminismo* (2021) e artigos em diferentes antologias brasileiras) e Paul B. Preciado (*Um apartamento em Urano: crônicas da travessia* (2020); *Pornotopia: playboy e a invenção da sexualidade multimídia* (2020); *Texto junkie: sexo, drogas, biopolítica na era farmacopornográfica* (2018); *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual* (2014)) são fortes indícios de uma formação de tradição dos saberes trans nacionais e estrangeiros.

Interessante notar que, antes mesmo da voga atual de tradução de saberes trans por teóricos transexuais, em 1992 chega no Brasil a obra *Extrasexo – ensaio sobre o transexualismo*⁷, da psicanalista lacaniana Catherine Millot. Em conjunto, o site *Transfeminismo – feminismo interseccional relacionado às questões trans* [<https://transfeminismo.com/>] e as tradutoras trans Beatriz Pagliarini Bagagli e Hailey Kass trouxeram (e ainda trazem, pois o site está ativo) muitos textos traduzidos sobre educação, saúde, corpo e identidade, relacionados à comunidade transgênera. Com essa atitude, pode-se notar o cibertransativismo, que contribuiu e contribui para uma partilha de conhecimentos e saberes, bem como para a mudança epistêmica de quem consome esses conteúdos traduzidos e curados por aliados ou indivíduos transgêneros.

⁷ Anterior a esse livro (e mesmo anos depois), alguns livros traduzidos trouxeram, entre seus capítulos, textos sobre a transexualidade; porém, este parece o único desta época que trata especificamente do tema da transgeneridade, para além da produção nacional. Mais detalhes em LEITE JUNIOR, 2008.

O acesso aos conhecimentos transexuais é uma maneira de emancipar essas pessoas e as comunidades trans. É uma forma de combate à ignorância quanto às questões de cidadania e sexualidade dessa população. Ademais, a tradução funciona como uma validação, seja comparativa, somativa ou de diferenciação dos saberes locais trans. Um saber trans estrangeiro colocado em contato com um saber trans nacional é um ato de solidariedade do conhecimento, bem como uma espécie de regulação tanto do saber quanto da ignorância de assuntos pertinentes à comunidade transgênera.

Walter Mignolo (2020) lembra que a globalização de saberes auxilia na criação de alianças transnacionais de comunidades subalternas que se juntam para a luta dos direitos sociais e humanos. É nesse quesito que a tradução pode ser envolvida. Além disso, Estudos de Tradução e Estudos Transgêneros são fecundos na divulgação de saberes para alcançar a articulação entre instituições educacionais a fim de que os saberes locais não sejam somente objeto de estudo das culturas trans estrangeiras, mas se tornem igualmente culturas de conhecimento e arcabouço conceitual local e global – isso, especialmente, quando se visa a projetos de tradução bilaterais.

Sam Bourcier, ao escrever o prefácio em língua francesa da tradução da obra *Manifesto contrassexual – práticas subversivas de identidade sexual* (2014), de Paul Preciado, afirma o seguinte:

[...] Pode-se citar ainda outro gesto contrassexual como indicador da relação que a autora mantém com a desconstrução. Isto é, o fato de que sua produção textual, como prática mesma de leitura-escritura, é um resultado de tradução-produção.

Preciado sabe prestar atenção aos transportes textuais transnacionais. Seria tão falso e nacionalista dizer que a edição francesa deste texto foi uma “tradução do inglês” como dizer que a edição em espanhol é uma tradução do francês. Na realidade, a própria produção das novas teorias queer e pós-coloniais é o resultado de numerosos processos de viagem, deslocamento e tradução. Nesse sentido, o espaço contrassexual é também um espaço contratextual em que não passa batido o fato de que a tradução é uma operação política de leitura. Um espaço no qual se reafirma também o direito à reescritura, à resignificação e à “deformação” das grandes referências filosóficas. É preciso aclamar a força com a qual Beatriz Preciado empreende a desconstrução das grandes ficções filosóficas francesas e as leituras transnacionais que esta suscita, lembrando-nos, aliás, que todo texto, todo discurso, toda teoria é contrabando. Este é um dos ensinamentos do Manifesto: não existem textos originais, como tampouco há línguas nacionais

puras às quais estes possam ser remetidos. Toda leitura já é um processo de tradução (BOUCIER, 2014, p.12-13).

Ora, o que Sam Bourcier evidencia é que uma tradução trans na contemporaneidade não é meramente tradução, mas uma *tradução-produção* – um aporte epistemológico para se pensarem os saberes trans. O autor ainda diz mais: tradução trans é um espaço contratextual, uma operação política de leitura – ou seja, os textos trans em tradução nunca são neutros, trazem consigo um horizonte político, um escritor e um leitor implícitos e políticos; por isso, exigem um respeito por esse conhecimento que ressignifica e “deforma” o já sabido no espaço-tempo da operação tradutória.

A metáfora de Bourcier para a tradução trans – enquanto texto, discurso e teoria – também é bastante relevante: *contrabando*. O contrabando é a entrada de mercadorias proibidas ou daquelas que não sofreram registro, análise ou autorização para entrar no país, que passam as fronteiras. Ora os textos trans ainda são considerados subversivos, influenciadores, perturbadores da norma sexual-social cisgênera e hetonormativa – e no Brasil, de grande parte da norma fundamentalista-cristã. Eles ainda não são assinalados pela norma, ainda não são investigados pela *intelligentsia* cânone e ainda não são aprovados por grande parte da sociedade brasileira. Uma vez traduzidos, ultrapassam as fronteiras, os limites pré-estabelecidos de conhecimento coloniais, cisonormativos e moral-cristãos; logo, tornam-se contrabando, saberes que parecem ainda não terem pago seus tributos à sociedade normativa. A partir dessa visão bourcieriana, depreende-se que traduzir textos trans é uma política de resistência das transidentidades.

5 Conclusão

A tradução de textos para e da população transgênera é uma política de conhecimento e, ao mesmo tempo, uma forma de justiça epistêmica e ontológica dos saberes trans. Um histórico brasileiro mais aprofundado sobre essas traduções demonstraria com maior afinco o quanto a comunidade LGBT ainda é incipiente nessa produção. Entretanto, há de se levar em conta que essa consciência do atraso sobre uma elaboração mais sistematizada, modelar, interseccional, translocal e conjunta de textos trans está cada vez mais preponderante e

perene. Por esse motivo, reflexões sobre a tradução como ferramenta eficaz da *intelligentsia* transexual se faz necessária.

Os caminhos para se pensar a tradução e a transgeneridade são inúmeros, e não foi o objetivo deste texto apontá-los exaustivamente, mas apenas estruturar uma reflexão inicial no âmbito brasileiro. Como as questões trans estão presentes em inúmeras disciplinas das ciências humanas, das ciências exatas e das ciências naturais – e todos os textos delas oriundos são passíveis do processo de tradução –, pode-se dizer que pensar a teoria da tradução e a prática tradutória a partir das subjetividades trans é uma busca constante de compreender e materializar essa compreensão das subjetividades e expressões de vida/ arte / pensamento transgêneras. É querer fazer parte conscientemente da máfia do contrabando de conhecimento.

As traduções em C/Stema podem oscilar entre impulsionar o pensamento/ a ação social em direção à evolução das questões trans ou retroceder. Sendo assim, traduzir textos trans é uma política de transidentidades. É unir o material, o representacional, o epistêmico, as vozes e os corpos na linguagem. É performar uma revolução do ser, do poder e do saber via textos entre línguas e culturas.

Referências

AVILA, S.; GROSSI, M. P. Identidades trans no contexto de transnacionalização do Movimento Transgênero e diáspora queer. **História Agora**, v. 15, p. 199-216, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Ave Maria, 2000.

BOURCIER, S. Prefácio. *In*: PRECIADO, P. **Manifesto Contrassexual – práticas subversivas de identidade sexual**. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

FERNANDES, C. E. A. **Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: 1960-1980**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

KULAWIK, K. **Travestismo linguístico: el enmascaramiento de la identidad sexual em la narrativa neobarroca de Severo Sardy, Diamela Elitit, Osvaldo Lamgorghini e Hilda Hilst**. 2001. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade da Flórida, Flórida, 2001.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo – corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE JUNIOR, J. **“Nossos corpos também mudam”**: sexo, gênero e a invenção das categorias **“travesti”** e **“transexual”** no discurso científico. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUCSP, São Paulo, 2008.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos. Pensamento liminar. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: EDUFMG, 2020.

OSGA, T. S.; DENIPOTI, C. L. Revisitando a Inquisição: das condições necessárias para o ressurgimento do manual *Malleus Maleficarum* do século XX. *In*: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 27., 2018, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: [s.e.], 2018.

REIS, D. S. **As retexturas brasileiras de Claude Gueux**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

RESENDE, M. B. M. **De Orlando a Orlanda**: performances trans na literatura do século XX. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), UNESP, Araraquara-SP, 2019.

ROBINSON, D. **Transgender, translation, translingual address**. London/New York: Bloomsbury Academic, 2019. <https://doi.org/10.5040/9781501345579>

SILVA-REIS, D. Por uma história da Tradução Técnico-Científica no Brasil do Século XVI ao XIX. *In*: ALVES, D. A. S.; BRANCO, S. O. (org.). **Discussões contemporâneas sobre os Estudos da Tradução**: reflexões e desenvolvimentos a partir do IV Encontro Nacional Cultura e Tradução. Campinas: Pontes Editores, 2019.

Recebido em: 24.08.2021

Aprovado em: 14.02.2022